



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALINE PELLEGRINO**

**(depoimento)**

**2013**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-372

**Entrevistada:** Aline Pellegrino

**Nascimento:**

**Local da entrevista:** Aeroporto Salgado Filho

**Entrevistadora:** Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** 28/11/2013

**Transcrição:** Wilian Antiqueira da Luz

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 50 minutos e 59 segundos

**Páginas Digitadas:** 17

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

A aproximação e inserção no esporte; Início na natação; O professor de educação física; Contato com o futebol; A relação com as antigas amizades; Atuação como torcedora; O primeiro jogo assistido de futebol feminino; A transição para o futebol profissional; O começo na escolinha de futebol; A diferença de idade e a difícil adaptação ao futebol de campo; Atuação e a saída do São Paulo Futebol Clube e a breve passagem pelo Juventus; A formação em Educação Física; A troca do futsal universitário para os campos; Participação na Universiade de 2001.

Porto Alegre, 28 de novembro de 2013. Entrevista com Aline Pellegrino a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras e Silvana Vilodre Goellner para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.S. – Então Aline, eu queria que tu falasse um pouquinho como foi essa tua aproximação com o esporte, como tu começou a jogar futebol?

A.P. – Eu sempre fui muito ativa, parece que eu nasci correndo, que eu nasci querendo pular, que eu nasci querendo fazer as coisas, apesar de ter nascido com nove meses, por conta disso não vim antes. Mas acho que o primeiro contato foi por conta de uma bronquite do meu irmão, e aí o médico falou: “Acho que a natação é uma coisa que pode ajudar”. Eu tenho uma diferença de um ano e meio de idade do meu irmão, parece que a gente nasceu junto, como se tivesse a mesma idade, e aí minha mãe colocou ele na natação e me colocou junto. Acho que o primeiro esporte que eu tive contato, uma coisa como uma aula, com professor, com direcionamento, foi a natação. E aí a asma do meu irmão melhorou, a bronquite também, e os médicos falavam: “É importante que ele continue fazendo atividades físicas.” Então minha mãe colocou a gente em uma escolinha de esportes e eu tive contato com a ginástica olímpica e com o handebol. É um pouco de iniciação esportiva, então, são brincadeiras, você faz de tudo um pouco. Acho que até antes, com uns seis anos. Depois que eu comecei a andar, a primeira atividade foi engatinhar, parece que eu nasci já fazendo algum esporte, fazendo alguma coisa, desde muito cedo essa aproximação com o esporte em si, isso tudo na Zona Norte da cidade de São Paulo. A natação foi no Horto Florestal, que era muito perto de onde eu morava, depois a escolinha de esportes foi no Macabi<sup>1</sup>, que também era perto de onde eu estudava. Da 1ª a 6ª série eu estudei em um colégio particular, onde tinha uma aula de Educação Física muito bacana; desde a 1ª série eu ia para a escola, *adorava*, tinha uma paixão pelas aulas de Educação Física e não era pelo professor não, se fosse pelo professor eu falava mas eu era apaixonada pela aula de Educação Física, o professor se chamava Téo, que foi um cara bacana. Eu encontrei ele depois, o Téo e o professor Roberto, eram os dois, eu tinha fascínio pela aula de Educação Física, por jogar, por tudo isso. Foi *muito* cedo, e tudo na Zona Norte de São Paulo, a natação, a escolinha de esportes, o local onde eu estudei.

---

<sup>1</sup> Clube Esportivo Israelita Brasileiro Macabi, São Paulo (SP).

P.J. – E como foi a tua chegada no futebol? Como tu começou, o teu primeiro contato com o futebol.

A.P. – Nessa idade mesmo, com seis anos mais ou menos, sete anos. Meus pais sempre trabalhavam, ficavam fora, às vezes a gente ficava com a minha tia, com a minha vó, daí conseguia fazer bastante coisa que se a mãe tivesse ali, não deixaria. O que eu me recordo, é do meu irmão estar brincando com amigos da rua, ficar no quintal, e minha mãe dizia: “Não vai pra rua, entra todo mundo aqui, vamos brincar aqui, vamos jogar aqui.” E eu dava um jeito de participar, de entrar. Era uma série de sobrados onde eu morava, e aí a rua no final dela era uma *baita subidona*, uma ladeira, era onde os meninos jogavam, na ladeira mesmo, e colocavam o chinelo, o tijolo, quem ganhou joga na descida, quem perdeu joga na subida, e eu ficava ali. Outra coisa também que eu tenho é *não é porque eu cheguei aqui que eu não conheço ninguém*, eu dou um jeito de fazer um oi, fazer alguma coisa, rapidamente eu já dava um jeito de participar, de interagir, desde a primeira vez que eu vi o futebol na rua, eu: “Dá pra jogar?” e eles: “Não, tá em número par!”. Eu dizia: “Eu vou para o gol, eu vou apitar!” Então a primeira vez que eu tive contato com o futebol, com a bola de futebol, que eu vi ali o que os meninos estavam fazendo, correndo atrás da bola, não sei, parece que eu tinha um imã para o futebol, era uma coisa que me atraía *muito*.

P.J. – E como que era essa tua relação com eles?

A.P. – Sempre foi muito boa, com todos os meninos, desde mais nova, nessa época até arrumei um namoradinho, seis, sete, oito anos; Germano, era o nome do menino, namoradinho ali da turma. Porque na infância, não tem malícia, não consegue olhar nada além do que a gente chama hoje de “estado de jogo”, entra naquele estado de jogo, e fica fascinado por aquilo, e não tem alto, magro, baixinho, gordinho, cor, isso ou aquilo. Tudo bem! Até poderia ter *bullying* com o gordinho, que é dono da bola, antes de começar, mas depois que começou, não tem mais nada, é a criança, a gente tá envolvido dentro daquilo. Eu sempre tive uma relação *muito* boa com os meninos, tanto que, minha primeira melhor amiga, foi com uns doze anos, e porque ela jogava também; ela me via jogando, queria jogar e começou também, então, ela virou minha melhor amiga, porque, até então, eu não tinha muitas amigas mesmo, o meu contato era com os meninos, eu era amiga dos meninos, que gerava inveja nas meninas, porque elas: “Ai, o fulano de tal” e era o meu

melhor amigo, eu vivia com ele e as meninas sonhavam em só falar com ele. Então minha relação sempre foi muito boa, claro que, uma vez que seus melhores amigos são meninos, fato, o futebol me levou pro peão, me levou a empinar pipa, me levou para fazer balão, me levou para ser da torcida organizada, então, de fato, talvez ai é a briga do meu pai, porque é o meio que eu ficava era com os meninos. Eu me identificava muito mais com as brincadeiras deles, ou não que me identificava, mas era o meu grupo, me identificava como grupo, aquilo, o futebol, aquela era minha turma, aquilo é legal, aquilo é meu grupo. Não tem problema que é menino, aquela brincadeira era mais legal, me identificava com aquele tipo de brincadeira, com aquele tipo de atividade, aquilo me fazia entrar no estado de jogo, nessa coisa que de repente as meninas lá brincando com a boneca não dava tão certo porque eu sempre fui muito ativa. Então, se a gente parar para pensar, se eu tivesse lá com as meninas, eu tava sentadinha, fazendo isso, fazendo aquilo, e o meu negócio era correr, correr e correr. Pré-primário, eu fiz maternal, fiz jardim, fiz pré, e eu me lembro do “corre cutia” e eu era sempre a mesma, mas tinha isso também, eu não gostava de fazer tudo isso à toa, eu gostava porque eu era boa, eu me sobressaia, eu ganhava, eu era mais rápida na corrida. Tinha sempre essa questão porque eu era mais rápida, que eu era a melhor, e aí quando terminava e eu tinha sido a melhor... Eu vou para o próximo e quero fazer outra coisa, então eu lembrei até disso, na época de pré-primário, que foi também essa época da nataçãõ e tudo, mas eu... Corre cutia, e ai tinha as atividades da escola que nessa época, nada além do atletismo, é o correr, é o salto em distância, alguma coisa assim, e eu fazia isso melhor... Competia com as meninas, sobrava, tirava onda, ganhava tudo, minha mãe conta muito isso, que depois no colégio particular da primeira à sexta série, sempre tinha as olimpíadas e tinha premiação, aquela música..., “E aí agora da primeira série C, Aline Pellegrino!” “Premiação do salto em distância da primeira série C: Aline Pellegrino!”, “Coletivo, primeira série C: Aline Pellegrino!”. Então na premiação das olimpíadas do colégio, eu saia com o pescoço cheio, a minha mãe ficava com vergonha, “Aí Aline...” Olha que engraçado, então, a minha primeira olimpíada foi na primeira série e eu fazia tudo, fazia o salto em distância, fazia corrida de 50, eu tenho isso em casa ainda, eu tenho esses troféus, eu tenho algumas medalhas dessa época, fazia corrida de 50, então: Ouro no salto em distância, ganhava corrida de 50 metros, ganhava corrida de 100 metros, ganhava na minha sala porque eu era boa pra caramba, então, a gente ganhava no coletivo do handebol, ganhava o coletivo no basquete, ganhava o coletivo no futebol. Naquela época como a gente era muito novinha, não tinha o vôlei, era o câmbio e ganhava no câmbio.

Conclusão: no mínimo, eram umas seis medalhas e lá vai Aline Pellegrino... Foi assim na primeira, na segunda, na terceira, aí minha vó morava lá no interior disse: “Vai ter a maratona na cidade, vamos lá inscrever a Aline.” Peguei segundo lugar, não lembro quem foi que ganhou de mim: segundo lugar. Aí no dia na festa da cidade, chamava no palco: “Da cidade de São Paulo, Aline Pellegrino, segundo lugar!” Então assim, *sempre* fui envolvida com o esporte e fazia tudo isso, que foi que você me perguntou, no começo, mas a única coisa assim, que teoricamente não tinha o acesso, era o futebol. Eu até tinha o futebol na escola, nessa primeira série até a sexta série porque era um formato da escola. Primeiro bimestre: vôlei, segundo: handebol, terceiro... Então você tinha que ter as quatro modalidades esportivas e era só isso também que a gente trabalhava essa questão da educação física, então, tinha o futebol, mas as meninas “Ah não, vamos jogar vôlei, vamos fazer outra coisa.” E não gostavam do bimestre que tinha o futebol, mas tinha que fazer e então eu me sobressaia muito no futebol. Intervalo: os meninos jogando, eu tava com os meninos. Então todas as vezes que eu estava em uma situação onde não era uma aula, onde não estavam divididos meninos e meninas, e os meninos estavam jogando, eu ia com eles. Então o futebol, dentro de tudo que eu fiz, todo esse envolvimento que eu tive com o esporte, ele era paralelo, estava sempre fazendo ele, mesmo sem ter um professor, sem ter um momento específico para aquilo, ele era paralelo, mas eu não deixava de fazer.

S.G. – Você assistia futebol na televisão, torcia, ia a campo?

A.P – Pode ser que aí entre meu pai nessa relação, de ter alguma coisa com o futebol, vou achar essa foto também, eu acho que tinha três meses, *bonita*, cabelo liso, gordinha, linda, assim cabeluda, fralda e a camiseta do Corinthians. Meu pai jurava que ia ser menino, acho que também teve essa coisa de “*Corinthians, Corinthians, Corinthians*”, então, meu pai *Corinthianasso* e eu comecei a ir muito para o estádio; não me recordo de assistir muito não nesse período, mas depois que eu mudei, que eu fui morar da casa para o apartamento, que eram dez prédios, então, não tinha amigo, tinha gangue [RISOS]... Era muita criança, era muita coisa, tinha muito corinthiano, e a gente juntou a turma dos corintianos, e aí foi a primeira vez que eu fui para o estádio, acho que foi em 1982, com sete anos. Eu acho que tinha um Corinthians x São Paulo no Morumbi, acho que foi 1x1, e aí em 1990, que foi o primeiro título brasileiro do Corinthians, eu já fui assistir uns três jogos daquele ano, do Campeonato Brasileiro, no Pacaembu. Eu lembro muito a primeira vez que eu entrei no

Pacaembu, hoje não é mais esse acesso, você entra por um acesso... Não, é esse acesso sim, do setor verde, um acesso lateral, uma escadaria, um cheiro de mijo, não é xixi, aquilo lá é um cheiro de mijo, um negócio meio sujo, meio estranho, e aí a hora que a gente subiu o primeiro lote de escadas, subiu o segundo, e aí aquele espacinho pequenininho para entrar, aquela multidão na arquibancada, aquele campo verde e o Corinthians, naquele momento, não era o amor pelo futebol, ali era a questão do Corinthians, eram meus amigos, a gente ia em um fusquinha, umas dez pessoas, meu pai enfiava dentro do fusquinha... Minha mãe, *tadinha*, minha mãe é São Paulina, e ela lá, e enfiava as crianças dentro do fusquinha ia para o Pacaembu. Então eu tive muito essa questão, assisti muito por conta do Corinthians, mas foi até o que eu falei hoje lá, me recordo de 1986, com uns quatro anos, meu pai e minha mãe viajando, eu com catapora, passei meu aniversário com catapora, tudo bonitinho, com a minha vó... 1986 foi na Argentina a Copa, tanto que meus pais estavam com a minha tia na Argentina, e a Argentina foi campeã aquele ano; uma loucura, eles voltaram cheio de fotos dos argentinos surtados, endoidecidos e eu lembro, da minha vó estar ali com a gente na sala: “Copa do Mundo é Copa do Mundo, no Brasil só passa isso”. Era o tempo todo a TV ligada e eu fazendo desenhos relacionados a Copa do Mundo, o gol, o goleiro, então assim, era um imã, tudo me levava de alguma forma a estar próxima do futebol. Comecei a ir pro estádio mais ou menos em 1990, fui bastante, três vezes no profissional e depois tinha a Taça São Paulo, fui mais algumas vezes, mas aí o amor meio “*jogava, jogava*”, transferia talvez o amor do Corinthians, que aí era Corinthians, eu era apaixonada pelo Viola, centroavante, fazia gol para caramba, todo aniversário queria uma camiseta do Viola, no outro eu queria o gorrião da Gaviões. E aí, de uma forma ou de outra, aqueles jogadores do Corinthians, depois eu ia jogar, “Ronaldo<sup>2</sup>” que era o goleiro, “Viola<sup>3</sup>, Neto<sup>4</sup>”... Então assim, uma coisa está relacionada à outra, porque era aquilo que eu assistia, que eu torcia, depois eu ia lá jogar e fazer igual. Então as mulheres eu vi jogar na TV e fiz por conta daquilo, talvez, que eu falo em alguns momentos, eu tenha visto os homens, e não é porque não eram mulheres que eu vou deixar de sentir prazer naquilo, e achar legal e fazer igual, então eu tive isso mas vendo homens jogarem na televisão né, não vendo mulheres.

---

<sup>2</sup> Ronaldo Sores Giovanelli, goleiro do Sport Clube Corinthians Paulista entre 1988 e 1998.

<sup>3</sup> Paulo Sérgio Rosa, conhecido como Viola atuou como atacante no S.C. Corinthians entre 1986 e 1989.

<sup>4</sup> José Ferreira Neto, meia do S.C. Corinthians de 1989 a 1993.

S.G. – E mulher, tu lembra do primeiro jogo que assistiu de mulheres?

A.P. – Eu não me recordo na TV, eu faço uma projeção do que tenha acontecido, mas eu lembro do primeiro jogo também, que eu sai de casa na Zona Norte, e fui até o Ibirapuera, que foi em 1997 que foi o Torneio Primavera. Chamava Torneio Primavera, e na verdade, eu acho que ele estava passando na televisão, foi isso, o Luciano do Valle, a Band e o *caramba*, começou a passar esse torneio Primavera. E eu devo ter tido acesso, não lembro na TV, não lembro, do primeiro jogo na TV, mas só pode ter sido isso, e aí na final do Torneio Primavera, eu fui com todos os meus amigos assistir no estádio, porque era como se fosse o Torneio Início<sup>5</sup>, porque teve o Torneio Primavera, e aí ia ter a primeira Paulistana<sup>6</sup>. E, antes de ter a Paulistana, teve o Torneio Início, que foi um final de semana antes, que todas as equipes jogam menos tempo: 15x15, ganha quem teve mais escanteio, então, fui para ver o Torneio Início em 1997 e aí o São Paulo na época foi campeão. E um ano depois eu ia estar junto com aquelas meninas, o que era meio surreal. Lembro de ter pego a chuteira da Kátia Cilene<sup>7</sup>, *doidera maluco*, ela jogou, não sei lá que rolo que foi, e todos os meninos, a minha turma, foram lá também assistir, então, olha que bacana, principalmente essa turma, esses meus amigos, que até hoje encontro, foram assistir muito jogo meu na seleção; lá do lado de lá, pagaram para ir lá assistir, eu te garanto, que essa minha gangue, ninguém tinha preconceito, quando eles se depararam depois, ao longo da vida deles, com uma menina jogando, muitos deles hoje tem filha, se quisessem jogar... Porque eles me tiveram como exemplo e viram meu sucesso. “Caramba meu”, se eles não tivessem me deixado jogar, alguma coisa assim, as fofqueiras de plantão depois: “Ah, Aline.” Mas eles não, ficaram orgulhosos para caramba, porque eu era da gangue, nenhum deles acha... E o sonho ali, todos nós, crianças, era ser jogador de futebol. Muitos deles tentaram, alguns próximos tentaram, ninguém vingou, ninguém, daqueles moleques todos, eles jogavam muito melhor que eu, alguns, outros não, mas alguns jogavam muito melhor do que eu, e eu que fui a jogadora de futebol da turminha. Depois eu lembro de ter assistido mesmo alguma coisa quando eu comecei a fazer parte do São Paulo, aí daquelas meninas eu vi. Às vezes tinha um campeonato ou outro que eu não tava, eu tava até inscrita, mas eu nem era relacionada entre as dezoito que iam pro jogo e eu ficava lá na concentração torcendo, assistindo. A primeira Olimpíada que eu vi também... De Atlanta

---

<sup>5</sup> Torneio Início Paulista.

<sup>6</sup> Copa Paulistana de Futebol.

eu não lembro muito do futebol. Barcelona eu lembro muito do vôlei, de ter acompanhado aquele time de vôlei de 92, sempre tive também essa coisa de assistir Olimpíada. Caramba, eu acho que criança nenhuma naquela época parava para assistir Olimpíada, criança em sã consciência com dez anos, em 1992 para assistir Olimpíada e eu assistia. Eu lembro do arco e flecha, aquilo me fascinava, de alguma forma aquilo me fascinava. Lembro de ter assistido muitas Olimpíadas, então, mas em 1992 não tinha futebol feminino, a primeira vez foi em 1996. De 1996 eu não lembro de nada muito específico; 1992 me vem *assim*, que foi o vôlei, ai queria jogar vôlei também, aquela seleção, o primeiro ouro do vôlei masculino; em 1996 não tem nada assim que me apegue, que eu lembre. Teve o futebol feminino a primeira vez, que foi até o quarto lugar, e não lembro nessa época. Então acho que os primeiros jogos que eu vi mesmo foi em 1997 quando eu já estava fazendo parte do time profissional principal do São Paulo, e é aqueles jogos que eu não estava relacionada, eu assistia ali pela televisão, que era a Bandeirantes<sup>8</sup> que passava uma coisa ou outra, e daí a primeira Olimpíada de futebol feminino mesmo, de ter assistido em propriedade, entendendo o que está acontecendo foi 2000 que foi Sidney. Em 1999 teve o mundial, mas eu também, apesar de estar ali, assistia com as meninas mas sem entender muito a coisa toda. Então não assisti muito futebol feminino na TV não. Até porque não passava; passava pouco naquela época, depois ficou um tempo muito grande sem passar, e depois eu é que estava na televisão jogando.

P.S. – E como foi essa tua transição até tu chegar no futebol profissional?

A.P. – É aquela coisa... Só jogando na rua, brincando, esse tal de estado de jogo, tudo é legal, tudo é prazer, tudo é bacana: responsabilidade zero. Mesmo quando eu fui para a escolinha, que foi com doze anos, a gente disputava campeonatos mas nosso time era muito bom, geralmente chegava na final, perdia um jogo ou outro, mas com doze anos, o perder... O legal foi a gente dentro do ônibus comendo pão com mortadela, tomando refrigerante quente, comprando gelinho na tia, ai caiu um pé d'água, passava um esgoto no meio do campo. Então assim, nessa época o perder... Eu via tudo aquilo como puro prazer, o futebol era *puro prazer*, e aí quando a coisa começou a ficar um pouco mais séria, foi quando meu pai fez a pesquisa nos clubes de São Paulo e arrumou...

---

<sup>7</sup> Atacante do São Paulo Futebol Clube.

<sup>8</sup> Rede Bandeirantes de Televisão.

P.S. – Tu lembra o nome dessa escolinha que tu participou?

A.P. – Clube Atlético Silvicultura, lá no Horto Florestal. Tinha categoria da mamadeira até juvenil do masculino, e tinha também feminino. Bem bacana naquela época acontecer isso, tudo bem que o time feminino, eu tinha doze e tinha meninas de trinta, que é o que ainda acontece um pouco hoje, não dá pra você dividir, quando muito você tem um time, põem todo mundo junto e valia a pena. O primeiro contato quando a coisa começou a ficar um pouco mais séria, foi quando meu pai fez a busca de clubes, para eu poder fazer uma peneira, e foi quando eu fui fazer a peneira do São Paulo e comecei nos “aspirantes”, que antigamente era aspirantes, não era categoria de base, você é aspirante a profissional. O São Paulo montou o aspirantes, e aí é campo, é diferente, eu jogava salão também. Sempre meus treinadores foram muito bravos, esse Téo que eu falei, eu era do time de handebol naquela época no colégio, então quarta série, eram tudo meninas do ginásio, eu tava no primário ainda, mas eu já fazia parte do time da escola de handebol, nossa, o maior dos status, e ele era um cara muito bravo, falava palavrão, xingava todo mundo. Eu nunca tive problema... Foi bom, treinador bravo, nunca fui aquela que me acuava, pelo contrário, me xinga que “ai filho da mãe, você vai ver só!”. Depois também, um pouquinho antes de ir para o campo... Na verdade eu tinha o campo e o salão um pouco juntos, era o Bira<sup>9</sup>, o treinador de futsal do São Paulo, esse cara era bravo viu, esse falava palavrão, “pai amado do céu”, esse falava. Ainda sim era muito tranquilo, eu ficava muito mais chateada com a cobrança do meu pai nessa época, de treze para catorze, de catorze para quinze, porque o Bira me xingar tudo bem, ele me xingava ali e depois eu não ficava aguentando ele, acabou, eu saía e ia fazer outra coisa. Agora meu pai ficava dia inteiro me pilhando dentro do carro: “você não podia ter errado aquele passe”, “você não podia ter perdido aquele gol” e eu brigava com o meu pai, não tinha maturidade nenhuma para entender aquilo de autocrítica, de tentar fazer uma relação se eu errei mesmo, então, era sempre culpa dos outros né, “não fui eu, foi a outra que errou!”. Quando eu fui para o futebol de campo, dá uma diferença muito grande, eu estava com catorze anos, mas você fazer um teste de *Cooper* com doze anos. E aí de repente... Não é que você tá cansada, mas aquilo, eu sentia uma diferença no meu corpo, um desgaste... Nossa, como a gente fala, o homem da faca, aquela dorzinha no baço, da respiração. Eu não sabia como correr doze minutos, eu não

sabia como de repente, como fazer um exercício mais específico, e você vai e não quer brincadeira, porque quando você é criança, você nunca... Você pode fazer na velocidade e na intensidade 200 o tempo todo, e você vai continuar na intensidade 200. Então eu começava tudo muito forte, *querendo fazer* e daí dava a dorzinha, então eu comecei... Mas eu era muito boa, na hora do vamos ver mesmo, que era a hora do campo, a hora do jogo, eu me sobressaia, mas essa equipe já era uma equipe muito boa; a Rosana<sup>10</sup>, que é da seleção e está aí ainda, fazia parte dessa equipe, dessas aspirantes, a Ariane<sup>11</sup>, que foi outra menina também que chegou para a seleção e fez muita coisa. A Thais Picarte<sup>12</sup>, que é a nossa goleira hoje da seleção também começou com a gente nessa época, a Priscilha<sup>13</sup> que está jogando, então aquela nossa... Olha como de repente dá resultado você ter uma base, todas aquelas que começaram tão cedo ali, tão até hoje, tiveram muito sucesso, chegaram na seleção. A gente começou cedo a ter a instrução, o direcionamento, e aí seis meses fiquei nesses aspirantes, que foi dos catorze e meio até os quinze, o professor Zé Duarte<sup>14</sup> fez um... Que até então era o treinador do profissional, fez em um momento de transição, que era férias das meninas profissionais, um laboratório, com as meninas que eram reservas do principal, aquelas que as vezes eram arquibancada, que era um grupo grande, então ele deu folga para umas quinze, dezesseis, ficou algumas que eram mais novas e não tinham muita oportunidade de jogar, e as melhores do aspirantes, e eu fui uma das que foi escolhida para fazer esse laboratório de duas semanas, e depois desse laboratório, eu já fiquei direto na equipe profissional, então assim, fiz quinze anos, fiz minha festinha de quinze anos no sábado, e no domingo eu fiz as malas, enfiei dentro do carro, e minha mãe e meu pai me levaram para morar em Indaiatuba. Nossa, não era a Rússia, mas para uma pessoa que tem quinze anos, era interior, era uma hora e meia, eu tive que mudar de escola, eu sai... Nossa, eu ia jogar com a Sissi<sup>15</sup>, Kátia Cilene, não pensava em nada, amigo e escola nada, mãe, pai, casa... Quinze anos eu saí e fui para o primeiro alojamento, recebia 300 reais, em 2007, que foi o meu melhor ano na carreira, eu recebia 200, piada né?

---

<sup>9</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>10</sup> Rosana dos Santos Augusto, jogadora da seleção brasileira atua como lateral esquerda e meia.

<sup>11</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>12</sup> Goleira na equipe Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa, São Paulo (SP).

<sup>13</sup> Priscila Gonçalves Rosseti, jogadora do São José Esporte Clube, São Paulo (SP).

<sup>14</sup> José Duarte treinador de futebol brasileiro.

S.G. – E nesse momento tu jogava com jogadoras adultas?

A.P. – Exatamente. Porque até então as aspirantes, tinham a minha idade, todo mundo dentro dessa idade, doze, treze, catorze, quinze, não passava disso, de repente eu tava com a Sissi, que era a capitã do Brasil, que era eleita uma das melhores jogadoras do mundo, com a Kátia Cilene, com um padrão de treinamento profissional, porque a comissão técnica que era o Zé Duarte, o Lino<sup>16</sup>, que era o preparador físico, eram pessoas que trabalhavam com os homens, então, tinham todo um regime profissional. Você treinava dois períodos, treinamento físico, eu lembro como se fosse hoje, um dos primeiros treinos físicos que eu fiz mesmo, o preparador físico virou pra mim e perguntou se eu fumava [RISOS]. “Quinze anos, você fuma?”. E eu: “Não, eu tô morrendo mesmo!” Então foi assim, um baque muito grande. Por exemplo, tinha a turma mais nova, claro, eu logo já fechei com as meninhas mais novas, com a turminha mais ali, e a gente treinava de manhã, tomava um banho e ia para o treino da tarde, e as meninas mais velhas aceleravam a gente no banho, e nós lá tomando banho, fazendo uma bagunça e elas aceleravam a gente no banho porque elas queriam dormir, descansar para o treino da tarde. Eu tinha uma adrenalina, uma energia que era incrível, eu não dormia por nada nesse mundo e ia para o treino da tarde e jogava sinuca, a gente jogava baralho, fazia mil coisas. Pergunta como eu era no Santos em 2008? Me manda essas novinhas, pelo amor de Deus, ir dormir porque a tarde tem treino, eu chegava: “Vamo gente, vamo, vamo”... Então é um processo que depois você acaba fazendo as mesmas coisas por um motivo, mas naquela idade você não cansa, metabolismo, tudo, você não tem... Mas daí eu comecei a sofrer *bullyng* [RISOS]; eu tinha uma dificuldade muito grande em acompanhar o treinamento físico, então, é complicado você sempre ficar para trás, você sempre ser a última...

S.G. – Ainda mais quem estava sempre sendo a primeira...

A.P. – Exato. Eu fui da melhor de todas... Não que eu era a pior, eu era tão boa quanto algumas, e muito além de outras, entendeu? Então do que eu era nível A, eu passei a um nível intermediário, uma ou outra era até piorzinha, mas eu entrei em um nível

---

<sup>15</sup> Sisleide do Amor Lima, ex-atacante da seleção brasileira, atualmente é técnica de futebol no *Las Positas College Women's* na Califórnia.

<sup>16</sup> Lino Fachini Júnior, atuou como preparador físico da seleção brasileira de futebol feminino durante 3 anos.

intermediário total, e não conseguia acompanhar o ritmo do treinamento físico. Treino de finalização e eu era atacante, era outra dificuldade. Então uma coisa era eu fazer gol aleatório, brincar de cruzamento igual a gente brincava quando era menina lá com os meninos, as brincadeiras, cruzamento, pega a bola e cruza, e a gente ficava tentando fazer gol bonito, de bicicleta. Uma coisa é uma fila inteira cruzando bola de tudo que é lado, a bola chegando rápido, eu não sabia se eu dominava, se eu fazia o gol, então assim, eu parecia no treino de finalização, a maior das pernas de pau, e aí o professor Zé Duarte me cobrava como ele cobrava a Kátia Cilene; tem que fazer gol, não sabia cabecear, com tudo isso de altura não sabia cabecear, ele brincava que o chute era “rapa-bosta”. Eu lembro também, um dos primeiros treinos de finalização, ele me viu chutando e falou... Até porque eu nunca tinha chutado uma bola oficial, daquele tamanho, com aquele peso, numa goleira a bola chegando... Então tudo novidade. Ele vai lá, me tirou do treino, me deixou com o preparador de goleiros, o famoso paredão. Ele dizia: “Primeiro você tem que aprender a bater na bola, porque você está chutando de “rapa-bosta”. Era assim que ele falava, “rapa-bosta”, pergunta para a Maravilha<sup>17</sup> e ela Maravilha não vai me deixar mentir. Então, foi um processo difícil, foi um processo complicado, mas também acontecia aquilo ali, depois ficava lá com as meninas, era legal, era bacana, então eu não me importava muito. Foram seis meses. Aí no próximo ano nós saímos de Indaiatuba e foi para Itaquaquecetuba... A gente morava, na verdade, tinha um condomínio, a concentração foi para Arujá, próximo de Itaquaquecetuba. E aí nesse ano, virou... Os caras, eles não tinham problema nenhum em me dar porrada mesmo, em me xingar e me cobrar, imagina seis meses depois, então a cobrança ia aumentando conforme você já está mais adaptada, e aí logo depois lá em Arujá, eu já comecei: “Pai, eu não quero mais, não quero mais!” Eu ligava chorando: “Não, não quero mais saber disso aqui” porque não estava me adaptando. E aí ele começou a me colocar na zaga, e aí pior ainda, se no ataque que era boa para caramba, não tava conseguindo ir bem, já pensou na zaga? Para cabecear a bola que tava vindo lá da lua, aí tu ia parecer a maior das pernas de pau mesmo. E aí eu *chorava* e meu pai falou: “Tá bom.” A gente tinha um contato com a Juventus<sup>18</sup> dessa época que eu jogava salão, e aí ele ligou para a treinadora da Juventus, a professora Magali<sup>19</sup>, que também tinha o futebol de campo, e ia começar uma outra Paulistana, e disse: “Será que ela não pode jogar aí?” Então foi uma transição difícil, da brincadeira, daquele estado de jogo, daquele prazer todo, para

---

<sup>17</sup> Marlisa Wahlbrink, ex-goleira da Seleção Brasileira de Futebol.

<sup>18</sup> Clube Atlético Juventus, São Paulo (SP).

o treinamento, foi uma transição complicada. Aí depois por exemplo, em uma época ele saiu muito para seleção, aí ficava o auxiliar, que era um cara mais tranquilo, que lidava com a gente um pouco mais tranquilo. Lembro de uma época de estar batendo muito bem na bola, legal, mas daí quando chegava as meninas mais velhas, eu ficava tensa, já começava a errar tudo, e o negócio já dava... Mas assim, esse chorar, era a hora que eu falava com o meu pai do orelhão lá não sei da onde, ficava ali, dura, intacta, firme, pode me xingar, pode me falar. Morria de medo de jogar a bola para as meninas, fazia muito exercício de fundamento, e muitos eram em dupla, então geralmente o pessoal já faz a dupla ali: Sissi, Kátia Cilene, as melhores, ficava sempre juntas. Eu era o gordinho de antes, então, ninguém queria fazer comigo porque jogava a bola errada, porque eu devolvia a bola errada, batia na minha canela e ia para lá, então era um problema. E aí as vezes, ao invés de fazer em dupla, ele fazia oito com a bola, e as meninas passando, e eu tinha medo de jogar a bola com a mão errada, claro né, que as vezes as meninas, a Kátia Cilene dava uma canelada, e falava que eu que tinha jogado a bola errada, mas pra mim, realmente, fui eu que joguei a bola errada, então, era tenso, mas ali eu ficava dura na queda, intacta, firme, não dava... E assim, era a última no físico, mas não parava, mas não andava, não roubava, porque já tava ruim ser a última, se eu fosse a última e ainda tava roubando, pulando os cones, então, foi uma coisa que para sequencia da minha carreira me trouxe um crescimento, me engrandeceu demais... Até porque eu não fui a melhor das jogadoras, a mais técnica, eu era aquela que precisava estar bem treinada, mas me sobressaia porque o pessoal: “Ah, eu tenho um pouco mais de talento que ela”, “Ah, eu não faço direito”. Então a hora de passar o processo final do treinamento, eu tinha tido mais evolução que talvez aquela que era a melhor do que eu, que não se entregou tanto no processo de treinamento né, mas foi uma transição, difícil.

P.S. – E depois que tu saiu do São Paulo, para que clube tu foi, como que foi a tua saída?

A.P. – Foi tranquila, eu acho até que foi boa no sentido que eu vou colocar aqui que a gente comenta, que hoje eu bato muito nessa tecla. Eu nunca fui a melhor aluna. A média é C? C. Não porque eu fazia de sacanagem: “Eu vou tirar C; eu poderia tirar B mas vou tirar C.”. Não, eu tirava C mesmo ali porque era o meu máximo, um B aqui e outro lá, e aí essa época do São Paulo lá em Indaiatuba eu ainda estudava direitinho. Quando virou o ano e a

---

<sup>19</sup> Nome sujeito à confirmação.

gente foi para Arujá, tinha o *shopping* lá de Mogi Mirim, e eu comecei a entrar no oba-oba das meninas, cabulava muita aula e o primeiro bimestre eu fiquei lá em Arujá as minhas notas estavam horrorosas, então eu estava começando... Beber, fumar, eu nunca gostei porque não tinha jeito. As meninas saíam para aprontar, para dançar, para cabular aula e eu ia junto; não bebia, não fumava, nada, mas assim, também não estava na escola que eu tinha que estar, então, pensando por esse lado, essa minha saída do São Paulo foi boa por conta disso. Porque a hora que eu vim para o Juventus, era um grupo mais novo, mais tranquilo, era uma alegria acordar seis horas da manhã e estar junto e fazer pagode, então, foi muito bacana. Minhas melhores amigas até hoje são dessa época, a turma toda hoje se encontra. Foi muito bacana, até nisso eu tive sorte, todos os lugares que eu passei, os momentos que eu passei, foram os locais certos, então, foi uma saída tranquila do São Paulo. Não teve nada, fui lá, até porque eu recebia, eu estava recebendo e deixei de receber para ir pro Juventus receber um pouco menos, e também só ia receber no período do campeonato. Eu recebia 300 reais, fui pro Juventus, recebi dois meses 200 reais, e aí já não recebi nunca mais [RISOS]. Então foi uma saída tranquila assim, tinha o Rogério<sup>20</sup> em São Paulo. Foi um rapaz que era o diretor na época, e eu fui com o meu pai e agradecemos tudo: “Olha, muito obrigado, a Aline vai está indo”. Tudo muito tranquilo, e aí foi fácil também fazer amizade com a turma do Juventus, que era um bando de doida, cheia de alegria de viver, de fazer bagunça, aprontavam, nessa idade a gente não tem responsabilidade e eu comecei a estudar na Mooca, no Firmino de Proença<sup>21</sup>. O Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente da República estudou lá e meu pai trabalhava ali perto, então, facilitou também um pouco a vida para ele. Eu lembro de lá, não tinha acontecido as provas ainda do primeiro bimestre, então, eu pude refazer porque as notas do primeiro bimestre de lá testavam C, D, D, E, E, então, eu consegui refazer, não perdi o ano nem nada. Ali eu estudava, me dedicava um pouco mais, era uma escola um pouco mais forte, estudava de manhã, meu pai me deixava na porta da escola, não tinha como pular a janela nenhuma, quando muito dava uns cochilos na aula português, acordava já era aula de matemática, mas foi bacana, e aí eu estudei o colegial todo, o primeiro, o segundo, o terceiro nesse colégio, mas fiquei no Juventus também pouco tempo; fiquei uns nove meses só, eu era muito feliz, essa questão do treino, não tinha nada daquilo que tinha, começaram a me colocar na zaga de novo, e eu não aceitava jogar na zaga: “Não sou

---

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>21</sup> Escola Estadual Antônio Firmino de Proença, São Paulo (SP).

zagueira, sou atacante!” Eu estava muito feliz, mas não estava feliz porque eu estava ali para jogar, não para fazer amigos. Bacana eu ter essa consciência de repente naquele momento, sabe, se a gente é amigo a gente vai ser amigo, mas eu não estou jogando na posição que eu quero, não estou feliz, não está legal, o que era para estar legal, não está legal, então, não estava legal enquanto estava lá, não adiantou nada. E aí eu meio que fui fazer um teste na Portuguesa<sup>22</sup>, tentando também no ataque, fiquei mais três meses e fui a primeira vez que eu falei que ia parar de jogar campo, parar de jogar campo, tudo, e isso aí eu já tava com dezesseis para dezessete anos, e saí lá da Portuguesa; fiz um teste de dois, três meses, não passei, a outra turma voltou e eles não ficaram com as meninas que estavam naquele período, e aí eu comecei meio que... Teve uma oportunidade que uma amiga da época do Juventus, ela é um ano mais velha, então, enquanto eu tava no terceiro colegial, ela já estava no primeiro ano da faculdade e ela falou: “Olha, tem um cara aqui na minha sala, ele vai ser treinador do time de futsal feminino ano que vem, e vai ter bolsa. Vamos começar a jogar para o time desse cara.” Era um japonês lá de Guarulhos e as meninas treinavam tipo, à meia-noite, uma vez por semana: “Vamos lá e aí o cara já vai vendo a gente jogar, se ele gostar da gente, facilita muito para a gente ter a bolsa no outro ano.” Então meu último ano de colegial, final do terceiro colegial, eu voltei a jogar salão para esse cara na expectativa de ter a bolsa de estudos. Essa questão da bolsa de estudos, da Educação Física, isso aí sempre: “Eu quero ser professora de Educação Física”, por conta da paixão da aula de educação Física do professor “Putz, eu quero fazer isso que ele faz, que legal!” Isso foi uma coisa que eu sempre tive muito clara, desde ali: “Eu quero ser professora de Educação Física, não sei se eu vou fazer outra faculdade, mas a primeira vai ser de Educação Física.” E aí estava chegando nesse momento perto disto e já apareceu essa oportunidade da bolsa de estudos e eu comecei a jogar um pouquinho de salão, virou o ano, e eu fiz o vestibular, passei, teve a bolsa mesmo, e aí nessa época eu fiquei só jogando salão, futsal universitário, jogava... A gente não tava na série... Era sério ouro, série prata e série bronze, então, a gente começou na série bronze; nosso time era muito forte da universidade, ganhava de todo mundo e a ideia era chegar na série ouro onde estava a Uni Sant’Anna<sup>23</sup> que depois eu fui, a UNIP<sup>24</sup>, o Mackenzie<sup>25</sup>, a FMU<sup>26</sup>, as faculdades que

---

<sup>22</sup> Associação Portuguesa de Desportos.

<sup>23</sup> Centro Universitário Sant’anna, São Paulo (SP).

<sup>24</sup> Universidade Paulistana

<sup>25</sup> Universidade Presbiteriana Mackenzie

<sup>26</sup> Faculdades Metropolitanas Unidas

tinham os times mais fortes que estavam na série ouro, e aí eu me sobressaí muito no time na série bronze. O treinador da Uni Sant'Anna, que era da série ouro me convidou para jogar na Uni Sant'Anna, mas não pela faculdade, pela federação, que tinham os federados, a gente jogava a federação. Essa época do Juventus jogava muito futsal federado; no São Paulo, antes de ir para o campo, também era futsal federado, então ele me chamou: “Não, vem jogar para mim, não tem nada a ver com a faculdade!”. “Beleza que é a Uni Sant'Anna, mas você só vai jogar federada”. E aí o japonês ficou bravo: “Vai ser nossa adversária!” Arrumou uma confusão comigo, e aí o outro: “Vem que eu te arrumo bolsa aqui”. Mas era o primeiro ano do curso de Educação Física, de Fisioterapia, dessa área da saúde, então, ainda não tinha muito certeza se eu ia ter a bolsa ou não, mesmo assim, eu fui, e aí quando virou o ano, ele me arrumou a bolsa 100% nessa outra faculdade e aí eu comecei a jogar o universitário... Fui para jogar federação, já que o japonês estressou comigo, eu falei: “Tá bom.” Eu te arrumo a bolsa, então, eu ia jogar a federação, e universitário só futsal, não queria mais saber de campo, só que ele tinha time de campo também, participava do campeonato paulista, e bem dessa vez ele tava com dois times, ele tinha muita menina. Então ele não entrou com um time só no campeonato, ele entrou com dois. Ele entrou com o Palmeiras<sup>27</sup> e com o São Bento de Sorocaba<sup>28</sup> que ele deu para um outro rapaz, um outro treinador que era amigo dele; e aí ele precisava de bastante menina para o campo, você precisar ter no mínimo vinte em cada para atender bem e aí ele me colocou no São Bento, de zagueira, aí lá fui eu, de zagueira, toda aquela coisa, mas era bacana porque eram as renegadas, as piores. Se a gente fosse boa mesmo, a gente tava no Palmeiras, que foi o time que ele ficou com o comando. Ele pegou as mais fortes, e deixou no Palmeiras. As outras, ele colocou no São Bento. Eu tava no São Bento, então, foi uma turma que também a gente, por conta disso, criou toda uma identidade, era bacana, era legal, aí que eu já comecei a ter um pouco de experiência como capitã, como liderança. Algumas coisas que tentavam ser feitas e organizar, e o pessoal fazia tudo mal: “Me dá isso aqui que eu faço, vamos organizar a caixinha”; “Gente, vocês não acham que isso tá estranho? Vamos colocar uma outra regra, uma outra norma.”. E aí acabou que no fim, ainda fiquei como capitã do São Bento, a gente não foi lá muito longe, mas teve jogos bacanas, coisas legais, e aí tava eu de novo no campo e na posição que eu não queria. Mas

---

<sup>27</sup> Sociedade Esportiva Palmeiras.

<sup>28</sup> União São Bento de Sorocaba, São Paulo (SP).

aí eu aceitei e foi. Foi o primeiro treinador mesmo, o Marcelo<sup>29</sup>, que eu acho que começou a me dar... Também não foi do melhor jeito, eu não tive treinador que... Vai lá e um monte de palavrão, mas que mal e mal, começou a me ensinar um pouco da posição, me direcionar, me posicionar, e aí eu comecei a gostar e tudo e aí começou a história toda no futebol de campo isso em meados dos anos 2000, que foi quando eu tive no São Bento.

P.S. – E depois tu foi para qual equipe?

A.P. – Aí fiquei por oito anos nessa equipe, porque na verdade era faculdade que era a base de tudo isso. A gente jogava na Uni Sant’Anna, mas futsal universitário, futsal federado e na hora do campo a gente representava o Palmeiras e o São Bento. Em 2001 a gente continuava jogando Uni Sant’Anna só futsal federado, futsal universitário e tinha uma parceria com a prefeitura de Salto para jogar campo. E nessas parcerias, nessas idas e vindas, às vezes era parceria com a prefeitura de Salto, parceria com a prefeitura de Osasco, parceria com a prefeitura de São Caetano, por aí foi e eu fiquei oito anos direto lá com eles, e aí me formei, no final de 2004...

S.G. – Foi aí que tu participaste da Universíade.

A.P. – Sim, foi aí que eu participei da Universíade em 2001 pela Uni Sant’Anna e fomos campeãs. Aí me formei, comecei a fazer a faculdade de Fisioterapia, cheguei a cursar seis meses de fisioterapia, então, fiquei oito anos direto e aí nessa da Uni Sant’Anna para jogar o futsal federado e o futsal universitário naquele ano específico de 2001, por conta da Universíade que tem a modalidade e aí eles montaram um campeonato brasileiro universitário em Brasília e que foi de campo. Nossa equipe era a melhor, a outra equipe era boa era a UNB<sup>30</sup>, que também era uma equipe boa, que a gente ali disputou a final, e aí a base da seleção foi a Uni Sant’Anna e a UNB. Foram doze jogadoras mais a comissão da Uni Sant’Anna, e seis jogadoras da UNB que eram de Brasília, que foi o time de dezoito jogadoras que a gente foi para Pequim e conseguiu, não sei como, ganhar a medalha de ouro. Ganhamos a medalha de ouro, a gente perdeu para a China na fase de grupos de três... Não, na fase de grupos não, na nossa fase de grupos a gente jogou com a Finlândia e

---

<sup>29</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>30</sup> Universidade de Brasília

China; eram só três na chave, e aí o primeiro jogo foi a Finlândia e eu ali, acabei ficando de titular e ganhei a vaga de titular lá em Brasília por uma série de coisas na zaga já jogando bem, gostando. E aí Finlândia, a atacante lá, *branca, cabelo branco* de tão loira, falei, com um calor: “Pai amado do céu!”, um calor, cinco minutos a loirinha estava vermelha, bufando, eu falei: “Afe, já era filhinha, está morrendo eu vou sobrar” Ela correu o jogo inteiro daquele jeito, e eu já não tava mais aguentando, ganhamos de 1x0 e aí tava na cara que nós íamos perder para a China, mas como a gente ganhou delas e elas também perderam para a China, a gente classificou porque somos três pontos contra elas. Tomamos um pau para China, 3x0. A gente olhava lá no computador das equipes, quando a gente olhava a equipe da China, as dezoito jogadoras da China, Olimpíada, Copa do Mundo, o currículo delas, um monte de coisa, então, era praticamente a base da seleção principal, aí olhava a nossa, só tinha a Rosana<sup>31</sup> e a Juliana Sala que era a goleira, que eram da Seleção Brasileira mesmo, que já tinham tido... A Rosana já tinha jogado a Olimpíada de Sidney. Aí perdemos da China, tomamos um pau, 3x0 da China. As quartas de final era contra a Coreia do Norte, que um dos nossos diretores assistiu o jogo e falou que elas eram vinte vezes melhores que a China, eu falei: “Oi? E agora? Como que nós vamos ganhar dessas mulheres?”. O jogo foi 3x1, a gente fez esses 3 gols em 3 contra-ataques. Começou 1x0 para a gente, em um golaço da Zanga<sup>32</sup>. Em um contra-ataque elas empataram. A gente voltou para o segundo tempo, elas massacraram a gente, era bola na trave, um sufoco, dois contra-ataques, 3x1, ganhamos da Coreia. As coreanas, na hora que acabou o jogo, sem entender nada, os treinadores, a cultura coreana, perdeu pra quem, como assim? Ganhamos da Coreia que era até então era impossível. A semifinal era contra a França que já era uma equipe mais fraca, que a gente sabia que dava para ganhar, jogamos mal pra caramba, mas ganhamos de 2x0, e fomos fazer a final contra a Holanda, que também surpreendeu nas quartas de final e acabou tirando a China nos pênaltis. Se a equipe da final ganhou da China, e nós tomamos um pau da China... E aí fizemos uma baita final contra a Holanda, a mulherada desse tamanho, a centroavante que eu marcava eu chamava de “Xuxa”; era a cara da Xuxa, alta pra caramba, baita time, time bom, mas a gente tava inspirada, empatamos no tempo normal: 1x1. Fomos para a prorrogação e ganhamos com onze, doze minutos da prorrogação o *golden gol*. Naquela época ainda tinha o *golden gol*, e aí a

---

<sup>31</sup> Rosana dos Santos Augusto, lateral esquerda da Seleção Brasileira.

<sup>32</sup> Nome sujeito à confirmação.

Cintia<sup>33</sup> fez o gol e ganhamos a Universíade. E a gente participou da abertura, que geralmente é uma dificuldade nas Olimpíadas, que geralmente o futebol começa antes, então lá deu para participar, e eu já tava em choque com tudo aquilo: “Meu Deus, o que é isso?”. Com aquela grandiosidade, com tudo e a gente ganhou, e foi o que eu falei pra você, é a medalha mais bonita que eu tenho é a da Universíade. Ela vem em uma caixinha, ela rosqueia... Foi muito bacana e a gente... Quando chegou o primeiro campo era uma grama, peguei a grama, e levei um pouquinho da grama. Eu nunca tinha visto um campo daqueles, eu só jogava em buraco, em campo de terra, coisa horrorosa, aí o primeiro jogo contra a Finlândia quando a gente foi reconhecer o gramado, falei: “Moçada, vai arrumando uma unha encravada aí minha amiga, porque se não dominar a bola hoje, não tem desculpa, não dá pra falar que foi o campo, não dá pra falar que foi nada”. Então tudo aquilo era tão grandioso pra gente, era uma coisa tão assim, e depois a gente foi para o encerramento também, então foi uma competição que a gente aproveitou muito, que foi muito legal, e que eu nunca tinha imaginado estar lá, e fazer parte disso tudo. Eu nunca projetei nada, eu nunca projetei estar na seleção brasileira também até porque eu não era tão boa quanto eu era contra os meninos; eu era aquelas meninas perna de pau da escola. Então eu não me via com potencial pra isso, ainda mais na zaga, se fosse no ataque, ainda bem que eu mudei para zaga, no ataque eu não ia para seleção nunca.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>33</sup> Nome sujeito à confirmação.